

HÁ ELEITOR DE TODO TIPO PARA O PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE. É O PREFERIDO DE QUEM GANHA MUITO — FOI ASSIM EM 1994, SERÁ TAMBÉM EM 1998. TAMBÉM TEM BOM DESEMPENHO ENTRE OS ELEITORES DA CLASSE BAIXA. É O BRASILEIRO QUE, COM O REAL, PÔS GALINHA E IOGURTE NA MESA. SE O DESEMPREGADO É O QUE MENOS QUER REELEGER FHC, A CLASSE MÉDIA ALTA E URBANA JÁ NÃO FAZ CARA FEIA AO SOCIAL-DEMOCRATA QUE SE ALIOU AOS CONSERVADORES DO PFL. NESTA E NAS PÁGINAS SEGUINTE, O **CORREIO** MOSTRA ALGUNS DOS BRASILEIROS QUE JÁ DEFINIRAM SEU VOTO PARA PRESIDENTE — E ALGUNS QUE AINDA NÃO DEFINIRAM — EM REPORTAGENS DE ANA BEATRIZ MAGNO, CYNTHIA GARDÁ, JOÃO PITELLA JR., MARIA CLARICE DIAS, ROSANA TONETTI E WARNER BENTO.

Fred Jordão/Imago



O pernambucano Severino sustenta oito filhos com a venda de redes e tapetes na praia: "Agora vendo duas redes por dia. Turista esperto pechincha"

Severino e família comem carne

A vida continua difícil, mas já não falta comida na mesa de Severino Olímpio da Silva, 47 anos, morador de Itabaíba, cidade da zona da mata pernambucana, a região mais miserável do estado. É eleitor de Fernando Henrique e, apesar de pouco conhecer o alfabeto, explica com precisão a razão de seu voto.

"Agora meus filhos estão na escola e já tenho algum dinheiro para fazer a feira. Não comemos mais só macaxeira", diz o homem, que chama o presidente Fernando Henrique de "cabra arretado". "Ele acabou com a carestia. Inventou o Real", elogia Severino, casado e pai de oito filhos.

Vivem de tecer tapetes, redes e mantas para vender aos turistas — os forasteiros. "Os que mais compra é pessoal lá de São Paulo", conta Severino, mistura de vendedor ambulante e empresário. "Tenho tear no quintal. Lá, eu, minha mulher e meus filhos tecemos", explica. Antes do Plano Real, tinha dinheiro contado para comprar as linhas de seu trabalho.

"É uma conta simples. Antigamente, eu demorava para vender uma rede, quando vendia comprava feijão, arroz e macaxeira. Agora, vendo duas redes por dia, e compro até carne", diz Severino.

É um madrugador. Sempre acorda às 4h00, come tapioca com café, passa duas horas num ônibus, caminha seis quilômetros até chegar à praia dos turistas. "Turista esperto pechincha. Começo pedindo 50 reais por um tapete, mas eu posso vender até por 15 reais", admite Severino que, apesar de pouco letrado, adora política.

"Gosto da campanha eleitoral gosto da festa" diz o ex-eleitor do governador de seu estado, Miguel Arraes. "Sempre dei meu voto para ele, mas, agora me decepcionei. Ele esqueceu os pobres e faz chamego nos usineiros. Acha que a gente só precisa de cacimba (poço)", reclama Severino. (ABM)

Lauro planeja melhor o trabalho

Antes do dia clarear, o agricultor Lauro Bakes já está de pé. Ele e a mulher Margarida cuidam sozinhos de uma criação de gado leiteiro e de um aviário com 6.500 frangos. Vai votar na reeleição de Fernando Henrique porque sua vida melhorou com o Plano Real.

A maior parte do sustento da família — o casal e três filhos — vem da produção de leite. São 200 litros por dia, a cerca de 23 centavos cada litro: 1.300 reais no fim do mês. Os frangos são criados no sistema de integração com uma empresa local. A empresa fornece os pintos, ração, medicamentos e assistência técnica. Ao produtor cabe a mão-de-obra: alimentá-los e tratá-los. Os 6.500 frangos rendem entre 600 e 700 reais ao fim de dois meses — cerca de 10 centavos por ave.

Aos 34 anos, Bakes, filho de agricultores de ascendência alemã, diz que está aprendendo agora a tocar sua empresa rural — um minifúndio de 19 hectares no município de Picada Café, na Serra Gaúcha, a 80 quilômetros de Porto Alegre.

Costuma freqüentar os cursos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater). Agora mesmo, assiste às aulas de mecanização agrícola, num curso que dura duas semanas.

Seu próximo objetivo é aprender a fazer o plantio direto. "Aqui nas redondezas está dando certo. Não é preciso lavrar a terra, dá menos trabalho e o solo não estraga", diz.

Segundo Bakes, desde o início do Plano Real ficou mais fácil de planejar o trabalho e os investimentos. Por isso, pretende repetir o seu voto em Fernando Henrique Cardoso, em quem já votou nas últimas eleições presidenciais.

"O Plano Real ajudou bastante. Os preços não sobem tanto e os implementos inclusive baixaram de preço. A situação ainda é difícil, mas a gente está conseguindo trabalhar melhor. É preciso produzir quantidade com menos preço e mais tecnologia", diz. (WBF)

Evandra não abre mão do Real

Moradora de Carapicuíba, São Paulo, a dona-de-casa Evandra Farias dos Santos, 26 anos, não abre mão de votar em Fernando Henrique Cardoso. Para ela, o presidente melhorou a vida dos brasileiros de classe média baixa. "Não podemos acabar com o Plano Real agora. Temos que ter alguém que dê continuidade ao plano, porque ele melhorou a vida de todos nós", afirma Evandra.

Separada do primeiro marido, com quem teve um filho, Leandro, de dois anos, Evandra vive hoje com o auxiliar de produção Ronaldo Alves de Azevedo Santos, que tem dois filhos. O casal, que deseja oficializar a união, sobrevive com uma renda mensal de R\$ 500 do salário de Ronaldo. Evandra está desempregada há alguns meses.

Embora não pague aluguel, eles admitem que o orçamento familiar é bastante apertado, com cinco pessoas dependendo exclusivamente da renda de Ronaldo. "O dinheiro é pouco, eu sei. Mas pelo menos dá para planejar o que fazer com o que ganhamos. A gente vai ao supermercado e vê que os preços são sempre os mesmos", explica a dona-de-casa.

Por esse motivo, ela acha que o presidente está fazendo um bom governo. "Ele passa muita confiança", esclarece. "O salário mínimo de R\$ 120 não dá para nada. Mas o trabalhador

Marcos Fernandes/SP



Evandra não se queixa: "Pelo menos agora dá para planejar o que fazer"

tem como fazer planos", explica ela.

"Mesmo ganhando somente um salário, ele pode entrar em qualquer loja e comprar, por exemplo, um armário que custa R\$ 100 para pagar em dez prestações fixas de R\$ 10",

explica ela. "Antes do Plano Real, o assalariado tinha que pensar muito antes de abrir um crediário porque, no final das contas, poderia acabar pagando muito acima do que a mercadoria realmente valia". (RT)

Caio: sem alternativa

"Vou votar no Fernando Henrique porque ele botou o país nos eixos". Com essa frase, o empresário Antônio Carlos Caio Silva, paulistano de 45 anos — há dez radicado em Brasília — mostra sua convicção ao escolher o atual presidente como o candidato preferido. Casado, pai de três filhos, Caio Silva é o eleitor dos sonhos dos estrategistas da reeleição — acredita que Fernando Henrique precisa de mais quatro anos para concluir seu projeto de governo.

Na avaliação do empresário, que atua no ramo da tecnologia aplicada, a estabilização econômica proporcionada pelo Plano Real foi a coisa mais importante que aconteceu nos últimos anos. "O Brasil se inseriu no mercado mundial e agora pode discutir de igual para igual com os outros países", comemora. Caio, que é economista, define o Real como "um remédio amargo, mas de alta eficiência".

Sobre Lula, candidato do PT, ele comenta: "Não tem nada a ofere-

cer ao país, nenhuma proposta". A respeito de Ciro Gomes, do PPS, é igualmente cético. "Ele não disse a que veio. Na verdade, nenhum dos outros candidatos conseguiu representar uma alternativa a Fernando Henrique", resume Caio, um bem-sucedido empresário que mora no Lago Sul, bairro nobre de Brasília, e costuma ir regularmente ao exterior em viagens de negócios.

Para Caio, as prioridades de um segundo mandato de Fernando Henrique precisariam ser a industrialização e mais investimentos na agricultura, além da conclusão das reformas políticas.

O desemprego, segundo Caio, poderá ser combatido com a reciclagem da mão-de-obra que, ressalta, só será possível fazer com fortes investimentos na educação. "O presidente está fazendo um governo com mais aspectos positivos do que negativos. Agora, ele só tem que completar a sua obra", argumenta. (JPJr)

Anderson Schneider



Para Caio Silva, desemprego se combate com investimentos na educação